

	reale	
berna	GULA	
galeria	nara	roesler

27.08 > 27.10.2018

Berna Reale: GULA

Agnaldo Farias

"E fomos educados para o medo.
Cheiramos flores de medo."
O Medo – Carlos Drummond de Andrade

Publicado em 1945, *O Medo*, poema de Drummond, traz como epígrafe uma frase de Antonio Cândido – "Porque há para todos nós um problema sério (...). Este problema é o do medo" –, excerto de um depoimento do grande intelectual feito sob o impacto da 2ª. Guerra, do nazi-fascismo, da repressão do Estado Novo. Pois, de lá para cá, a situação piorou muito. Vivemos um clima de guerra civil, do que é prova a operação das Forças Armadas no Rio de Janeiro, nosso antigo cartão postal, hoje paisagem de apreensão e tristeza.

Berna Reale aprofunda sua investigação sobre a violência, consciente de que ela, entre todas as mães do medo, é a maior e a mais direta. Suas performances, vídeos, fotografias e instalações tornaram-na conhecida nacional e internacionalmente. Tudo isso ao longo desta década, quando a artista, indiferente à celebração do país como BRICS, percebia que as coisas continuavam como sempre, que as sementes da violência, ovos de serpente, iam rebentando descontroladas.

Fixada em Belém, metrópole encravada na selva, lá, como em qualquer outra grande cidade brasileira, cotidianamente acontecem atos de selvageria: crimes inomináveis contra todos, a começar pelas crianças, além de disputas sangrentas, com insurreições e tiroteios. Enquanto isso, os inocentes se comprazem em compartilhar imagens de violência pelas redes sociais.

Perita criminal, a artista testemunha intestinarmente a naturalização exponencial da violência e, por meio das séries fotográficas aqui apresentadas, pergunta a que se deve esse crescimento. Sua resposta: porque há um prazer nisso tudo, um prazer que decorre do exercício de poder por parte de quem está armado, que por isso passa a ver os outros como simples objetos, seres cujas chamadas vitais vão minando, minando até que se apaguem.

Composta por sete séries fotográficas e uma instalação, a artista abre a exposição com um conjunto de imagens (*Sobremesa*) nas quais policiais, devidamente paramentados, atacam com voracidade pedaços de bolos enfeitados, um desses bolos de festa, decorados por grossas camadas de cobertura. Os uniformes de policial são, como é de lei, como os assistimos ostensivamente desfilando nas nossas ruas, camuflados. Será preciso indício de guerra em curso mais nítido que esse? Os signos se chocam. O eventual riso do inusitado da cena rapidamente cede espaço a uma pergunta: a que se refere a gana com que comem, esse devoramento ávido?

Sim, Berna acerta, tem algo a ver com a marcha incessante do entredevoramento entre camadas sociais, o canibalismo mútuo, respingado de sangue, de que faz parte a arrogância dos responsáveis pela ordem que, mesmo do alto de suas baixas patentes, não hesitam em atirar no meio de comunidades, acertando inocentes; a voluptuosa repressão da legião de desvalidos; as humilhantes revistas feitas aos membros da ralé, essa classe tratada como se não fosse gente, a qual, aliás, a maior parte deles, policiais, pertence.

A violência é difusa, versátil e voraz, parte de alguns que se colocam como porta vozes das divindades, os funcionários de igrejas responsáveis pelo comprometimento da infância (*Comida batizada*); atinge as meninas imberbes que são entregues a homens adultos (*Comida caseira*); está nos que miram as mulheres como pedaços de carne (*Fome de lobo*), nos que atacam as travestis movidos pelo ódio, crenças de que essas não merecem existir, para lhes arrancar os corações (*Fome de Leão*).

Merece destaque as duas imagens que compõem a série *Comida de rua*: três garotos (homens?), um branco, um negro, um mulato, vestidos apenas com calções, todos eles com o rosto voltado para a parede, mãos espalmadas para o alto, de costas, impossibilitados de encarar as faces de quem os constrange. Um detalhe não deve escapar: cada um dos calções está decorado com uma estampa: pipoca, o branco, cachorro quente, o negro, batata frita, o mulato. Pipoca, cachorro quente e batata frita, três das comidas vulgares, rápidas e baratas com que se alimentam os desfavorecidos. Três exemplos da assim chamada junk food, própria para o saciamento rápido, como também são os rapazes que cometem o crime de serem pobres, aos olhos dos profissionais da ordem que, em suas batidas rápidas, frequentemente os arrocham pelo simples desejo de saborear seu doce poder.

Por fim, na última sala, a instalação *Terra sem jejum*, um agrupamento de cinco caixões pequenos, destinados a crianças, semelhante a um velório. Embora o ambiente seja grave e trágico, ele tem um que de cenário cinicamente divertido: à gravidade dos ataúdes, soma-se as cores berrantes da sala, sua ornamentação com balas, bombons, bolachas e confeitos, as delícias da nossa infância, parte dela covardemente interrompida.

Agnaldo Farias é professor doutor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP), crítico de arte e curador. Atualmente, é membro do comitê curatorial do Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba. Foi curador da 11ª Bienal de Cuenca, Equador (2011), e co-curador geral da 29ª Bienal de São Paulo (2010).

	reale	
berna	GULA	
galeria	nara	roesler

08.27 > 10.27.2018

Berna Reale: GULA

Agnaldo Farias

"And we were educated for fear.
We smelled flowers of fear."
O Medo – Carlos Drummond de Andrade

Published in 1945, the poem *O Medo* [Fear] by Drummond, bears as an epigraph a phrase by Antonio Cândido – "Porque há para todos nós um problema sério (...). Este problema é o do medo" [Because there is a serious problem for all of us (...). This problem is that of fear] – an excerpt from a statement by the great intellectual made about the impact of World War II, about Nazi-fascism, and the repression of the Estado Novo. And since then the situation has become much worse. We live in a climate of civil war, as evidenced by the operation of the Armed Forces in Rio de Janeiro, our former post-card city, today a landscape of apprehension and sadness.

Berna Reale is deepening her investigation into violence, aware that it, among all the mothers of fear, is the greatest and most direct. Her performances, videos, photographs and installations have garnered her national and international recognition. All of this has taken place within the last decade, when the artist, indifferent to the celebration of Brazil as one of the BRICS, perceived that things were still just going along as always, that the seeds of violence, the serpent's eggs, were splitting open, out of control.

10Residing in Belém, a metropolis embedded in the wilderness, there, as in any other large Brazilian city, acts of savagery are committed daily: unnameable crimes against everyone, beginning with the children, along with bloody arguments, with insurrections and gunfights. Meanwhile, the innocents take pleasure in sharing images of violence through the social networks.

A forensic expert, the artist has viscerally witnessed the exponential naturalization of violence and, through the photographic series presented here, inquires into the reasons for this growth. Her answer: because there is pleasure in all of this, a pleasure that springs from the exercise of power by those who are armed, who for this reason begin to see others as simple objects, beings whose vital flames are being undermined, undermined until they go out.

The artist is now opening an exhibition – *Sobremesa* [Dessert] – consisting of seven photographic series and an installation, in which police officers, duly dressed, voraciously attack pieces of decorated cake, a party cake covered by thick layers of frosting. The uniforms of the police are, in accordance with the law, like those we see parading by on our streets, camouflaged. Do we need any clearer indication of a war now underway than this? The signs clash with one another. The eventual laughter brought on by the strangeness of the scene rapidly gives way to a question: what does this craving, this avid devouring refer to?

Berna affirms that it has something to do with the incessant inter-devouring between the social levels, the mutual cannibalism, splattered with blood, which includes the arrogance of those responsible for the societal order which, even from the height of their low rank do not hesitate to shoot amidst the communities, hitting the innocent; the voluptuous repression of the legion of the invalidated; the humiliating searches afflicted on the rabble, this class treated as though they were not people, and to which the greater part of them, the police, belong to.

The violence is diffuse, versatile and voracious, and stems from some who set themselves up as spokesmen of the divinities, the staff members of churches responsible for the compromising of childhood (*Comida batizada*) [Baptized Food]; it hits the little girls who are delivered to adult men (*Comida caseira*) [Homebaked Food]; it is in those who look at women like pieces of meat (*Fome de lobo*) [Wolf Hunger], in those that attack the transvestites, driven by hate, believing that they do not deserve to exist, to then rip out their hearts (*Fome de Leão*) [Lion Hunger].

Of special note are the two images that compose the series *Comida de rua* [Street Food]: three boys (men?), One white, one black, one mixed-race, dressed only in shorts, all of them facing the wall with their hands up, their backs turned, thus prevented from looking at the faces of those who are restraining them. One detail should not escape notice: each of their pairs of shorts is decorated with a design: the white boy with popcorn, the black boy with hot dogs, the mixed-race boy with French fries. Popcorn, hot dogs and French fries, three of the vulgar foods, cheap and fast, on which the disfavored feed. Three examples of the so-called junk food, perfect for quick satiation, as are also the boys who commit the crime of being poor, in the eyes of the law enforcement professionals who, with their swift raids, often repress them for the simple desire of relishing their sweet power.

Finally, in the last room, we come upon the installation *Terra sem jejum* [Land without Fasting], a grouping of six small caskets, destined for children, similar to a funeral parlor. Although the environment is grave and tragic, it has a touch of a cynical humor: the solemnity of the coffins is combined with the vibrant colors in the room, its ornamentation with candy, bonbons, cookies and confections, the delicacies of our childhood, part of it cowardly interrupted.

Agnaldo Farias is an art critic and curator. He holds a Ph.D. and is a professor at Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP). He currently sits as a member of the Curatorial Committee of Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba, Brazil. He curated the 11th Cuenca Biennial, Ecuador (2011) and cocurated the 29th Bienal de São Paulo (2010).